

## A Ermida de Nossa Senhora da Assunção de Paderne (Albufeira-Faro) pelo olhar da Arqueologia da Arquitetura

Maria de Magalhães Ramalho  
Direção Geral do Património Cultural - DGPC

### Enquadramento geral do conjunto monumental

Situado num esporão rochoso, na margem esquerda da ribeira de Quarteira, a cerca de dois quilómetros da povoação de Paderne<sup>1</sup>, o Castelo de Paderne, classificado como Imóvel de Interesse Público<sup>2</sup> integra, no seu interior, um templo arruinado, denominado "Ermida de Nossa Senhora da Assunção". (fig. 1)

Dominando uma paisagem magnífica, este território possuiu, também, uma grande importância do ponto de vista ambiental, destacando-se a riqueza da sua avifauna, onde se incluem não só as rapinas como águias e falcões mas, também, as invernantes como a garça-real e a garça branca. A diversidade da flora de características mediterrânicas, com a presença de grande número de arbustivas e ainda de espécies relacionadas com a agricultura tradicional da região como as oliveiras, figueiras e alfarrobeiras, fazem com que este sítio tenha sido integrado na *Rede Natura 2000*, importante classificação em termos europeus que procura assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados dentro dos países da União Europeia<sup>3</sup>. (fig. 3)

Destoando do ambiente geral preservado e harmonioso é impossível não ignorar a nefasta proximidade da Via do Infante ou A22 que, desde a sua construção, tanto tem penalizado quer o enquadramento paisagístico dos monumentos como a riqueza ambiental da região. (fig. 2)

O estudo de Arqueologia da Arquitetura da Ermida do Castelo de Paderne impôs-se desde logo em 2007, dada a boa visibilidade de um conjunto de diversas alterações construtivas ao nível dos paramentos, visibilidade esta resultante do avançado processo de ruína do edifício, nomeadamente pela queda de grande parte dos revestimentos interiores e exteriores. A integração desta tarefa nas ações necessárias à implementação de um projeto de recuperação do imóvel, foi da responsabilidade da antiga Direção Regional de Faro (DRF) do ex Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico (IPPAR).

<sup>1</sup> Freguesia do concelho de Albufeira, distrito de Faro.

<sup>2</sup> Decreto 516/71 de 22 Novembro, dispondo de uma ZEP, criada pela Portaria n.º 978/99, in *Diário da República* (2ª Série).

<sup>3</sup> <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/m2000>.

Após uma primeira avaliação no terreno e na posse dos levantamentos fotográficos da Ermida, neste caso um conjunto fotografias retificadas<sup>4</sup> (fig. 24 a 29) e alguma recolha histórica<sup>5</sup>, foi proposta uma metodologia que incluía o registo e interpretação estratigráfica, levantamento fotográfico exaustivo e recolha de amostras de rebocos e argamassas. Esta recolha teve não só como objetivo estudar os componentes destes materiais de construção, como estabelecer paralelos estratigráficos e, ainda, encontrar uma fórmula mais compatível com as pré-existências, de modo a ser utilizada no projeto de reabilitação.

Importa destacar que durante a análise do edifício se verificou existir uma discrepância entre o levantamento gráfico terminado em 1999 e o momento do nosso estudo (Janeiro/Março 2007), visto entretanto terem ocorrido ações de limpeza e escavações arqueológicas, nomeadamente em redor da capela-mor, que provocaram um rebaixamento dos níveis do terreno e colocaram à vista áreas que não constavam nas imagens<sup>6</sup>. De referir também que, infelizmente, até ao momento não foi possível efetuar qualquer levantamento gráfico do exterior da cabeceira da capela-mor - face Nordeste e da muralha que se localiza por trás, sector onde ainda hoje são visíveis marcas ou negativos de edifícios que aí se apoiaram e que nos ajudam a entender a evolução histórico-construtiva do Castelo e da Ermida.

#### **O Castelo e a Ermida de N<sup>a</sup> Senhora da Assunção de Paderne – algumas notas históricas**

O edifício religioso, hoje em ruínas, que se situa no Castelo de Paderne, logo à entrada do recinto amuralhado foi, ao longo dos tempos, conhecido tanto como Ermida de N<sup>a</sup> Senhora do Castelo, como Ermida de N<sup>a</sup> Senhora da Assunção. (fig. 4)

A existência de uma imagem milagrosa de N<sup>a</sup> Senhora da Assunção, ajudou a que se mantivesse o culto no local até sensivelmente meados do século XIX, efetuando-se, em sua honra, no dia 15 Agosto, uma importante peregrinação. Até pelo menos ao século XVIII, também a 25 de Março, no dia em que se festeja a Anunciação, se realizava outra romaria à Ermida, recordando um milagre que terá ocorrido nessa data, no ano de 1595<sup>7</sup> quando, depois de uma seca prolongada e na

<sup>4</sup> Sobre estes levantamentos efetuados em 1999 - fotografias retificadas - foram definidas unidades estratigráficas e elaboradas as respetivas fichas tal como se pode ver nas figuras incluídas neste trabalho. De notar que estes registos gráficos apresentavam inúmeras deficiências quer em nitidez como em distorção e escala, fatores que muito prejudicaram o desenvolvimento do trabalho. Um estudo deste tipo deve ter como base um correto levantamento (de preferência fotogramétrico) à escala do pormenor que se pretenda, neste caso a escala 1:50 é considerada adequada dado permitir a restituição da estereotomia do aparelho construtivo, essencial à definição de unidades estratigráficas.

<sup>5</sup> A recolha histórica inicial foi da responsabilidade da Dr.<sup>a</sup> Natércia Magalhães a quem muito agradeço também a participação nos trabalhos de campo.

<sup>6</sup> Intervenções coordenadas por H. Catarino e I. Inácio entre 2002 e 2003.

<sup>7</sup> *Santuário Mariano*, p. 458.

s levantamentos as<sup>4</sup> (fig. 24 a 29) cluiu o registo e e recolha de objetivo estudar eleger paralelos el com as pré-

ficou existir uma o momento do rrido ações de capela-mor, que a vista áreas que até ao momento da cabeceira da rector onde ainda iam e que nos Ermida.

#### - algumas notas históricas

Castelo de Pademe, conhecido tanto ora da Assunção.

ra da Assunção, neados do século nte peregrinação. n que se festeja a milagre que terá a prolongada e na

idades estratigráficas e ho. De notar que estes o e escala, fatores que como base um correto le caso a escala 1:50 é essencial à definição de

ito agradeço também a

sequência de uma procissão, a chuva, tão necessária à agricultura da região, finalmente surgiu.

Apesar de ainda durante o século XX se ter mantido a tradição de romaria ou procissão à Ermida<sup>8</sup> hoje, infelizmente, estes festejos já não se realizam, estando novamente o Castelo encerrado depois de tanto se ter investido no seu estudo e consolidação<sup>9</sup>.

#### O Castelo de Pademe

Considerada uma das mais importantes fortificações do *Garb Al-Andalus*, datável do período almóada, de nome *hisn Batarna*, o Castelo de Pademe integrava-se no conjunto de construções defensivas que correspondiam, também, a importantes centros de territórios agrícolas, terrenos que, ainda hoje, sobretudo junto ao vale da ribeira de Quarteira, se mantém cultivados.

Outra função fundamental desta construção, seria a defesa de uma das mais importantes vias de comunicação – neste caso a ligação entre as cidades de Silves e Sevilha - para além de dominar visualmente a ribeira de Quarteira e a ponte, provavelmente construída também nessa época e que está associada a um antigo acesso ao Castelo. (fig. 3)

Esta ponte, edificada em alvenaria de pedra, com três arcos de volta perfeita, defendidos por dois talha-mares, foi reconstruída em 1711, segundo se pode apurar pela leitura de uma inscrição colocada no arco central.

A implantação do Castelo numa elevação rochosa de base calcária, com cerca de 90 metros de altura, bem como a qualidade da sua construção, fizeram deste recinto, como referimos anteriormente, um importante ponto estratégico e militar, permanecendo, ainda hoje, um notável elemento na paisagem do barrocal algarvio. (fig. 5)

O recinto fortificado, abrangendo uma área de 3.250 m<sup>2</sup>, apresenta um formato trapezoidal com um comprimento máximo de 65 m e uma largura de cerca de 555 m. (fig. 4) Caracteriza-se, esta estrutura, por ostentar uma construção em taipa com recurso a taipais<sup>10</sup> independentes, de juntas verticais, com cerca de 90 centímetros. A muralha assenta, na sua maior parte, num embasamento de pedra calcária ou diretamente sobre o afloramento rochoso, possuindo uma espessura de muros de cerca de 1.80 m. A taipa é argamassada com inertes triturados, pequenos

<sup>8</sup> Segundo informação da Junta de Freguesia de Pademe (email de 25 de Agosto de 2014), as últimas procissões em honra de N<sup>ra</sup> Senhora da Assunção, efetuaram-se a 15 de Agosto de 1967 e em Outubro de 2001 ou 2002. Ainda segundo a mesma informação, antes de 1949 havia uma outra procissão que se realizava a 19 de Março, talvez uma alteração da data original que era 25 de Março.

<sup>9</sup> Na sequência de uma série de furtos de material, nomeadamente suportes de luz e fios de proteção das áreas arqueológicas, a Câmara Municipal de Albufeira entidade que, localmente, zela pelo monumento, decidiu encerrá-lo ao público, procedendo-se apenas a visitas mediante marcação prévia.

<sup>10</sup> Cofragens em madeira onde depois era colocada terra destinada a ser pisada por meio de maço ou pilão.

seixos de ribeira e, ainda, uma forte componente de cal, conferindo-lhe assim a rigidez apropriada a estrutura defensiva.

Pelo exterior, a superfície de taipa que melhor se preservou, apresenta-se bem alisada, sendo visíveis os orifícios dos taipais de madeira e a separação entre as cofragens. (fig. 6) Nesta separação de cofragens são ainda observáveis traços pintados a branco, em bandas horizontais e verticais, a imitar aparelho de grandes silhares. O Castelo possuiu ainda uma torre albarrã, de formato quadrado, com cerca de 10 m de altura que, originalmente, se ligava à muralha por um muro em taipa<sup>11</sup>. Nesta torre, levantada igualmente em taipa, são ainda bem visíveis os já referidos fingidos de silhares de pedra. A entrada no recinto fortificado continua ainda hoje a fazer-se pela porta em cotovelo que é defendida pela torre. A existir barbaca, esta localizar-se-ia, muito provavelmente, em frente da entrada no Castelo, zona que hoje se apresenta muito alterada.

Dada a existência de diversas patologias resultantes de fatores climáticos, nomeadamente ação eólica e água das chuvas que, durante séculos, atuaram sobre a taipa, para além dos efeitos dos sismos que se sabe também se fizeram sentir, o Castelo foi alvo de pelo menos duas grandes campanhas de restauro<sup>12</sup>, a última das quais entre 2004 e 2006, tendo na altura sido utilizados vários processos de recuperação da estrutura original, desde a construção em taipa tradicional, à terra projetada<sup>13</sup>.

Pelos estudos arqueológicos efetuados ao longo dos anos<sup>14</sup>, não foram encontrados vestígios anteriores ao período almóada, sendo assim de concluir que esta fortificação terá sido erguida durante a segunda metade do século XII, num curto espaço de tempo pois que, logo em 1189, o Castelo de Paderne passou para o domínio cristão, sendo dessa data também o primeiro documento que refere a existência desta fortificação, o relato de um cruzado anónimo que participou na primeira conquista de Silves por D. Sancho I. No entanto, esta tomada cristã durou pouco tempo e só mais tarde, em 1240, foi o Castelo reconquistado definitivamente durante as campanhas militares da Ordem de Santiago comandadas por D. Paio Peres Correia<sup>15</sup>. Segundo a análise efetuada aos níveis de ocupação no interior do recinto amuralhado, o local terá sido continuamente ocupado, evidenciando-se diversas habitações, ruas e sistemas de escoamento de águas, num urbanismo

<sup>11</sup> O arco em pedra que hoje existe foi edificado durante as obras de reconstrução da DGEMN que decorreram em 1986. Segundo relatório elaborado por António das Neves de Freitas Tavares em 1987 (DGPC, Processo S-3284), a DGEMN não teve em conta um estudo prévio da zona do passadiço tendo mesmo sido destruída uma estrutura circular em taipa de cerca de 90 cm coberta por uma tampa também em taipa.

<sup>12</sup> A primeira intervenção de restauro esteve a cargo da DGEMN e, a segunda, foi da responsabilidade do IPPAR/Direção Regional do Algarve. Ainda segundo António Tavares (ver nota anterior) as fendas que existiam na taipa foram colmatadas por argamassas que, por não aderirem convenientemente ao suporte original, apresentavam, apenas 18 meses depois, um aspeto bastante degradado.

<sup>13</sup> Projeto dirigido pelo IPPAR e Direção Regional de Cultura do Algarve.

<sup>14</sup> Intervenções realizadas entre 1987 e 2005 que estiveram a cargo de Helena Catarino e Isabel Inácio.

<sup>15</sup> H. Catarino, 1998, p. 8.

do-lhe assim a

u, apresenta-se  
separação entre  
serváveis traços  
elho de grandes  
quadrado, com  
or um muro em  
m visíveis os já  
ificação continua  
a torre. A existir  
rada no Castelo,

tores climáticos,  
s, atuaram sobre  
fizeram sentir, o  
o<sup>12</sup>, a última das  
s processos de  
adicional, à terra

os<sup>14</sup>, não foram  
de concluir que  
século XII, num  
e passou para o  
ito que refere a  
ue participou na  
ada cristã durou  
o definitivamente  
das por D. Paio  
ão no interior do  
evidenciando-se  
num urbanismo

AN que decorreram em  
C, Processo S-3284), a  
estruída uma estrutura

a responsabilidade do  
lendas que existiam na  
ao suporte original,

del Inácio.

relativamente bem ordenado no período islâmico, mas menos estruturado durante o período cristão, onde essencialmente se aproveitou o existente<sup>16</sup>.

### *A Igreja de N<sup>a</sup> Senhora do Castelo*

Logo após a tomada do Castelo por Afonso III surge, em 1263, num documento relativo à organização dos "Estatutos da Sé de Silves", a primeira referência ao templo implantado no interior do Castelo de Paderne com a designação de "Igreja de Nossa Senhora do Castelo", sendo possível que date desta época também a constituição da paróquia<sup>17</sup>.

Segundo a tradição, o templo terá sido erguido onde outrora estaria uma mesquita<sup>18</sup>. No entanto, os resultados dos trabalhos arqueológicos realizados ao longo dos anos no espaço do Castelo, não permitem confirmar tal sequência. De facto, as intervenções realizadas no exato local onde hoje se implanta a Ermida, possibilitaram a deteção de estruturas que foram identificadas como pertencentes a um primitivo edifício religioso já de época cristã que encostaria à muralha e que se relacionava diretamente com uma necrópole situada em seu redor<sup>19</sup>. Para além dos testemunhos deste período histórico, foram no entanto detetadas no mesmo local diferentes estruturas do período islâmico, incluindo uma cisterna<sup>20</sup>.

Em 1305 o Castelo, a igreja de N<sup>a</sup> Senhora da Assunção e o seu padroado são doados à Ordem de Avis por D. Dinis<sup>21</sup>, colocando-se a hipótese da igreja ter sofrido, nessa data, algumas obras de remodelação, ou mesmo que se tenha erigido um templo com outra configuração. É de notar ainda que a "devoção assuncionista" da dinastia de Avis foi tão grande que Frei Agostinho de Santa Maria chegou a afirmar que, em memória da batalha de Aljubarrota, todas as catedrais portuguesas foram dedicadas ao mistério da Assunção através de bula de Bonifácio IX, datada de 1394<sup>22</sup>. Esta devoção irá, posteriormente, reafirma-se com a independência de Portugal face à coroa espanhola<sup>23</sup>.

Em 1506 contudo, a Matriz é transferida do Castelo para a vila de Paderne. As razões desta transferência prendem-se, certamente, com o movimento habitual de abandono das zonas fortificadas pelas populações, devido não só à pacificação do reino como aos piores acessos e à distância a que ficavam, neste caso, as habitações das terras de cultivo. Com efeito, uma descrição de 1554<sup>24</sup>, aponta para o facto do Castelo de Paderne já não servir para fins militares e se encontrar despovoado. Depreende-se, pelo que se refere no mesmo documento, que visto a

<sup>16</sup> H. Catarino e I. Inácio, Xelb n.º 8 e n.º 9.

<sup>17</sup> Francisco d'Athaide, p. 80.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> H. Catarino e I. Inácio, 2002/2003.

<sup>20</sup> Idem.

<sup>21</sup> Francisco d'Athaide, p. 80.

<sup>22</sup> Padre Avelino de Jesus da Costa. *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, p. 36.

<sup>23</sup> Proclamação de D. João IV em 1646.

<sup>24</sup> *Visitação de Igrejas Algarvias*.

Igreja Matriz ainda se encontrar em construção, a Ermida do Castelo deveria continuar em funcionamento.

É deste documento que se pode ainda retirar uma importante descrição do templo, que seguidamente transcrevemos (adotando o palmo de 22cm), procurando assim sistematizar os pontos que consideramos essenciais:

**Capela-mor:** apresentava uma planta quadrada com paredes de alvenaria; cobertura com 9 palmos de alto (2 metros) de altura em madeira de castanho com ripas da mesma madeira e telhado de valadio (telhas colocadas soltas sem argamassa). O chão não tinha ladrilhos (não existem indicações de como seria). O altar-mor era em alvenaria, com um comprimento de 9 palmos de alto (cerca de 1.98m metros) e 5 de altura (cerca de 1.10m) e com 4 de largura (88 cm), possuía duas portas de madeira pintadas a óleo com as imagens da Visitação e do Nascimento de Cristo, bem como uma imagem de Nossa Senhora em pedra;

**Arco de cruzeiro:** era redondo, em alvenaria, e media 11 palmos de altura (2.42m) e, de largo, 9 (1.98m);

**Altars laterais:** o altar do lado oeste tinha de comprimento 6 palmos (1,32m), de largo 3 e meio (77cm) e de altura 5 (1.10m), ostentando uma antiga imagem de pedra de Nossa Senhora da Graça. O altar do lado sul possuía o mesmo aspecto e apresentava uma imagem de vulto de Santo António;

**Corpo da Ermida:** possuía paredes de alvenaria com uma altura de 12 palmos (2.42m), com um vão de 40 palmos de comprido (8.80m) e 21 palmos de largura (4.62 m). O chão estava também por ladrilhar;

**Portal principal:** era em pedra com 11 palmos de altura (2.42m) e 6 de vão (1.32m) com portas de castanho;

**A pia batismal:** encontrava-se no interior da Ermida à esquerda de quem entra;

**Portal sul:** era igualmente em pedra com uma altura de 7 palmos (1.54m) e com um vão de 4 palmos (88cm). Possuía portas e ferrolho.

Nesta exposição surgem ainda referências a enterramentos na Ermida e à existência de um adro bem demarcado.

É ainda de supor que os enterramentos ter-se-iam continuado a processar durante algum tempo, sobretudo até a nova Igreja Matriz estar pronta, não querendo com isto dizer que, após esta data, não se tenha mantido a tradição de sepultamento nesta zona, facto este que se verifica em muitos outros templos espalhados pelo país, até à interdição total imposta pelo decreto de 1835<sup>25</sup>.

Nas descrições do Reino dos Algarves, de cerca de 1600, de Henrique Fernandes Sarrão, surgem referências a ruínas de habitações e à existência de um Castelo "edificado pelos mouros (...) com muros inteiros (...) despovoado e sem gente; e dentro está uma cisterna muito boa; há nela uma Ermida de Nossa

<sup>25</sup> Decreto Régio de 21 de Setembro de 1835, obrigando à construção de cemitérios e proibindo os enterros nas igrejas.

Castelo deveria

nte descrição do  
(cm), procurando

les de alvenaria;  
de castanho com  
cadas soltas sem  
de como seria). O  
de alto (cerca de  
a (88 cm), possuía  
la Visitação e do  
a em pedra;  
de altura (2.42m)

almos (1,32m), de  
antiga imagem de  
mesmo aspecto e

ura de 12 palmos  
palmos de largura

42m) e 6 de vão

de quem entra;  
ios (1.54m) e com

os na Ermida e à

iado a processar  
ta, não querendo  
a tradição de  
outros templos  
1835<sup>25</sup>.

00, de Henrique  
existência de um  
povoado e sem  
mida de «Nossa

ibindo os enterros nas

Senhora, onde tem ermitão contínuo<sup>26</sup>.

Igualmente em 1612 e 1615, no *Sumário do Registo da Chancelaria da Ordem de Avis*, é referida a necessidade de garantir a provisão de um Ermitão para a Ermida de Nossa Senhora do Castelo<sup>27</sup>.

Em 1711 a Ermida volta a ser referenciada pela colocação de uma imagem de N<sup>a</sup> Senhora da Assunção no seu altar principal<sup>28</sup>, datando logo depois, em 1718 uma outra importante e muito completa descrição do templo no *Santuário Mariano*:

No meio deste Castelo<sup>29</sup> se vê uma Ermida, dedicada a Nossa Senhora, a qual por causa (sem duvida do sítio, em que está edificada) lhe dão a denominação do Castelo. Esta Ermida pequena: o corpo é fechado de madeira; mas a capela-mor é coberta de abobada. Tem três Altares, e no Altar-mor está colocada a Sagrada Imagem da Senhora, no meio de um nicho formado no retábulo, que é obra antiga, dividido em corpo, com colunas, em que se vêm sinais de que foi dourado, que talvez a muita humidade do sítio o danificaria de sorte que, o ouro totalmente desapareceu. A Imagem da Senhora, é de escultura de madeira, estufada e com o Menino Deus sobre o braço esquerdo (...) <sup>30</sup>.

Como se pode observar, a nova imagem foi colocada num altar pré-existente, não se aproveitando a ocasião, como é muitas vezes habitual, para se reformular o retábulo principal.

Em 1755 ocorre o grande terramoto de Lisboa que irá afetar as muralhas e a torre do Castelo<sup>31</sup> não se conhecendo referências a danos que possam ter ocorrido na Ermida.

Em contrapartida, em 1858, a "Acta da Sessão da Junta de Paróquia de Paderne" apresenta uma deliberação destinada a permitir a retirada de telhas e madeiras da Ermida do Castelo por esta se encontrar abandonada, devendo estes materiais ser utilizados nas obras de reedificação da Ermida do Pé da Cruz, muito afetada pelo terramoto de 1856.

Finalmente, com a decadência total do templo, abandonou-se também definitivamente o espaço fortificado que, ao longo de toda a segunda metade do século XIX e grande parte do século XX passou a ser apenas utilizado para fins agrícolas. Esporadicamente, nos dias de romaria, o local voltava a ser lembrado para novamente cair no esquecimento. Só por volta dos anos 70 do século XX,

<sup>26</sup> *História do Reino do Algarve*, de Henrique Fernandes Sarrão  
in: <http://www.culturalg.pt/paderne/index.html?subpagina=paderne3.html> e H. Catarino - Relatório da Campanha de 1998, p. 8.

<sup>27</sup> Francisco d'Athaide, p. 95.

<sup>28</sup> H. Catarino e I. Inácio, *Xelbe* n<sup>o</sup> 8, p. 312.

<sup>29</sup> Curiosamente neste texto refere-se que a Ermida se encontrava no meio do Castelo quando, na realidade está encostada à entrada.

<sup>30</sup> *Santuário Mariano*, p. 457, transcrição livre da autora.

<sup>31</sup> Francisco d'Athaide.

ganha o Castelo um novo estatuto, desta vez como bem patrimonial, procedendo-se à sua classificação. Quase duas décadas depois, já nos finais dos anos 80, promovem-se, finalmente, as primeiras ações destinadas à consolidação de estruturas, nomeadamente da taipa e das paredes da Ermida, mas que, infelizmente, não tiveram grande sucesso<sup>32</sup>.

#### **Interpretação do edifício segundo os resultados do estudo de arqueologia da arquitetura**

A Ermida de Nossa Senhora da Assunção de Paderne apresenta-se atualmente bastante arruinada, sem telhado e com uma capela-mor e um anexo com as paredes praticamente reduzidas a metade. Este edifício, de planta retangular, orientado Nordeste/Sudoeste, com a nave saliente em relação à capela-mor ostenta, do lado Sudeste, um anexo que, numa fase já muito tardia poderá ter servido de sacristia, apesar de não existirem documentos que o comprovem. (fig. 7 e 8)

Observou-se que algumas das patologias que são visíveis no conjunto patrimonial do Castelo, deverão ser também estruturais, nomeadamente no canto da muralha a Sudeste e nas paredes Sudoeste e Sudeste do anexo da Ermida, sugerindo tratar-se não só do resultado da falta de fundações, no caso do anexo mas, também, resultantes de sismos ou simples deslizamentos de terreno, já que esse lado corresponde ao maior desnível existente – a fraga sobre a ribeira de Quarteira.

As dimensões internas da capela-mor são de 3,60 metros de comprimento por 3,80 metros de largura, enquanto a nave possuiu 11 metros de comprimento por 5,04 metros de largura. O anexo, já referido anteriormente, encosta à parede da Ermida e possuiu internamente cerca de 4 metros de largura por 4 metros de comprimento, formando um compartimento quadrado, outrora com um telhado de uma água, tal como se pode comprovar pelos negativos dos barrote e das telhas ainda visíveis na parede da Ermida, bem como dois vãos que correspondiam a uma porta a Sudoeste e uma janela a Sudeste.

A construção em alvenaria de pedra argamassada da Ermida apresenta, no entanto, diferenças assinaláveis entre a capela-mor e a nave, características estas que seguidamente iremos expor de forma detalhada.

#### ***Leitura estratigráfica do edifício***

Na leitura estratigráfica efetuada sobre o edifício, foi desde logo possível observar que a Ermida terá sofrido diversas alterações ao longo do seu percurso

<sup>32</sup> Ações de restauro dirigidas pela antiga DGEMN onde não foram feitos estudos de diagnóstico e análises sobre a composição dos materiais existentes, de modo a garantir a compatibilidade da intervenção a longo prazo (ver nota nº 11 e 12).

il, procedendo-se  
s dos anos 80,  
consolidação de  
nida, mas que,

### dados do estudo da arquitetura

ne apresenta-se  
nor e um anexo  
ffício, de planta  
relação à capela-  
tardia poderá ter  
proven. (fig. 7 e

veis no conjunto  
ente no canto da  
nexo da Ermida,  
o caso do anexo  
o terreno, já que  
obre a ribeira de

de comprimento  
de comprido por  
sta à parede da  
por 4 metros de  
n um telhado de  
otes e das telhas  
spondiam a uma

da apresenta, no  
acterísticas estas

### áfica do edifício de logo possível do seu percurso

lico e análises sobre a  
longo prazo (ver nota

histórico. O estudo elaborado, tal como já referido, teve por base, um conjunto de fotografias retificadas realizadas em 1999. (fig. 24 a 29) Sobre estes levantamentos foram sendo identificadas as Unidades Estratigráficas Murárias (UEM), seguindo-se a análise, o preenchimento das respetivas fichas e a necessária interpretação estratigráfica. Recorreu-se ainda à recolha de amostras de rebocos e argamassas no sentido de permitir o estabelecimento de correlações bem como, se possível, efetuar uma análise detalhada das suas composições<sup>33</sup>.

A completar o estudo confrontaram-se ainda os dados e as observações efetuadas com os resultados das várias campanhas arqueológicas realizadas no local<sup>34</sup>, bem como com a documentação produzida no âmbito das intervenções da antiga Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais<sup>35</sup> para além, claro está, da pesquisa histórica.

### Etapa I – Um templo singelo encostado à muralha

Partindo da análise dos panos de muralha (Muralha 3 e Muralha 4)<sup>36</sup> e do resultado das escavações arqueológicas realizadas na área onde hoje se ergue a Ermida<sup>37</sup>, registou-se que a base da muralha que é em pedra (M 3) neste local assenta diretamente sobre a rocha base. Curiosamente, junto ao ângulo com o outro pano de muralha (M 4) a base de pedra, que assenta igualmente sobre a rocha, possui um rebordo.

Ainda na face da muralha 3 virada à Ermida, observa-se o encaixe ou negativo de uma viga de cumeeira que integrava a estrutura de um telhado de duas águas (fig. 10), estrutura esta que, segundo H. Catarino, poderia ter pertencido ao primeiro templo cristão (século XIII) e ao qual corresponderiam também, segundo ainda esta investigadora, duas paredes cujas fundações se observam atualmente no terreno (UE n.º 54 e UE n.º 212)<sup>38</sup>, bem como um conjunto de sepulturas escavadas na rocha ou abertas nos sedimentos, com a mesma orientação. (fig. 9)

De facto, é ainda hoje possível detetar diversos vestígios que nos apontam para a existência de um primeiro edifício, sensivelmente com a mesma orientação da atual Ermida mas com a cabeceira mais orientada a Este, visto ter encostado à muralha.

Deste edifício, tal como já anotado anteriormente, sobreviveram os negativos de um telhado de duas águas. De notar que estes negativos subsistem marcados não só no aparelho de taipa, mas prolongam-se pelo cunhal original almóada em alvenaria de pedra que integra o portal de entrada no recinto.

<sup>33</sup> Até ao momento não foi possível efetuar estas análises, tendo as amostras sido analisadas apenas a olho nu.

<sup>34</sup> H. Catarino *et al.*, relatórios das campanhas arqueológicas de 1998, 2002-2003 e 2003-2004 - Processo DGPC-S3284. *Xelbe*, números 8 e 9.

<sup>35</sup> [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2602](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2602).

<sup>36</sup> Designação dos troços da muralha do Castelo segundo H. Catarino.

<sup>37</sup> Relatório da campanha arqueológica 2002-2003, sondagem 4.

<sup>38</sup> H. Catarino, I. Inácio, Relatório de 2003-2004.

Ainda, no alinhamento do telhado encontra-se visível ao nível do solo (a Este da cabeceira), um muro em alvenaria de pedra regular (UE n.º 54), com cerca de 0,68 m de espessura<sup>39</sup>. Esta estrutura obedece à orientação da parede lateral Sudeste da Ermida e está alinhada pelo limite do negativo do telhado (fig. 9). De notar também que, com a mesma orientação deste muro e na sua proximidade, surgiram algumas sepulturas.

Relativamente à estrutura n.º 212<sup>40</sup> (fig. 9) que H. Catarino encara como estando igualmente associada ao edifício que encostava à muralha, somos de opinião contrária, considerando que se trata de um dos muros da Cisterna almóada existente no local, estrutura esta que terá sofrido, ao longo dos tempos, diversas alterações, incluindo a sua relação de posterioridade relativamente ao muro n.º 175<sup>41</sup>. (fig. 9) As razões para não considerar este muro como pertencente ao suposto templo primitivo, prendem-se com o facto dele integrar perfeitamente a estrutura islâmica da cisterna, não corresponder desse lado ao limite do telhado, não apresentar exatamente a mesma orientação do muro n.º 54 e, ainda, por não exibir, como ligante do material pétreo, o mesmo tipo de componentes que, no caso da estrutura n.º 54, é argamassa de cal e, na estrutura n.º 212, terra argilosa, ligante este que surge igualmente em outros muros do período islâmico. Assim, é provável que sob o piso/UE n.º 56 (não escavado)<sup>42</sup> e sob a actual parede da cabeceira da Ermida do lado Noroeste, pudesse existir um outro muro, mais próximo do cunhal da porta que, associado ao muro n.º 54, correspondesse, efetivamente, às paredes do antigo edifício que encostava à muralha. Assim temos que as medidas retiradas a partir dos negativos do telhado e da cota do pavimento eram, desde o apoio da viga da cumeeira 4.50m de altura por 6.50m de largura, com paredes de 3.20m de altura até ao beirado e com uma espessura de cerca de 0,68m.

Ainda no paramento da muralha, abaixo da linha do telhado de duas águas e estendendo-se para lá dos limites do que seria este edifício, existe uma fiada de agulheiros (fig. 11) que marca, muito provavelmente, um nível de cobertura de uma construção anterior, assemelhando-se aos agulheiros que existem um pouco por todo o lado nos panos de muralha do Castelo, sobretudo no lado Nordeste (fig. 6), podendo estas marcas estar relacionadas com apoios de coberturas, ou outras estruturas, nomeadamente do período islâmico.

<sup>39</sup> A UE n.º 54 corresponde a um muro constituído por duas fiadas de pedras de médias dimensões, ligadas por argamassa à base de cal e pedras miúdas e encontra-se cortado pelo alicerce da capela-mor. H. Catarino e I. Inácio, Relatório de 2002-2003, p. 16.

<sup>40</sup> A UE n.º 212 corresponde a um muro constituído por uma fiada de pedras calcárias de médias e grandes dimensões ligadas entre si por terra muito argilosa de cor castanha clara. Esta estrutura sobre põe-se à UE n.º 175 mas acompanhando os limites definidos pelo pavimento do pátio da cisterna. H. Catarino e I. Inácio, Relatório de 2002-2003, p. 22.

<sup>41</sup> A Estrutura n.º 175, bastante afetada por raízes, é constituída por pedras de calcário de médias e pequenas dimensões fortemente argamassadas.

<sup>42</sup> A Unidade Estratigráfica n.º 56 corresponde a um pavimento em argamassa localizado entre a muralha e a actual cabeceira da Ermida, H. Catarino e I. Inácio, Relatório de 2002-2003, p. 16.

nível do solo (a 54), com cerca a parede lateral ado (fig. 9). De ja proximidade,

o encara como alha, somos de isterna almóada ampos, diversas rite ao muro nº pertencente ao perfeitamente a do telhado, não t, por não exibir, ue, no caso da argilosa, ligante ssim, é provável da cabeceira da no do cunhal da , às paredes do lidas retiradas a o apoio da viga 3.20m de altura

o de duas águas ste uma fiada de obertura de uma r um pouco por rdoeste (fig. 6), luras, ou outras

dimensões, ligadas por -mor. H. Catarino e I.

de médias e grandes repõe-se à UE n.º 175 I. Inácio, Relatório de

de médias e pequenas

de a muralha e a actual

Apesar de atualmente serem bem visíveis dezasseis buracos deste nível de agulheiros, se olharmos com mais atenção verifica-se que se tratava, efetivamente, de uma linha com um total de vinte e um orifícios, dado que cinco se encontram colmatados por um reboco de argamassa que os torna praticamente invisíveis. (fig. 11) Do mesmo modo, pela observação efetuada, verifica-se que toda esta área apresenta uma superfície mais alisada, devendo assim corresponder ao arranjo do paramento interior da parede do fundo da cabeceira da capela-mor que, desta forma, ocultou as marcas deixadas por antigas construções. Trata-se de um revestimento de argamassa fina, de cor clara, que depois seria caiado, sendo ainda hoje possível, em certos locais, observar alguns vestígios muito degradados desta calação, quer na taipa, como no aparelho de pedra.

Numa fotografia efetuada durante os trabalhos arqueológicos realizados em 1998<sup>43</sup>, verifica-se que a delimitação deste espaço e o tratamento da superfície de taipa se encontrava em melhor estado, sendo apenas visíveis três agulheiros, ao contrário de hoje em que já surgem quatro. Assim, parece ficar provado que o desgaste provocado pela chuva e pelo vento leva não só à diluição rápida deste antigo revestimento parietal, como ao desaparecimento total da matéria que foi usada para colmatar os agulheiros mais antigos. O limite deste revestimento parietal prolonga-se até quase ao final da muralha, muito próximo do cunhal da porta.

Relativamente ao pavimento que poderia ter correspondido a este primeiro edifício, tal como foi referido, existe junto à muralha um nível de pedra miúda de calcário (UE n.º 55) coberto por uma camada de argamassa em bom estado de conservação (UE n.º 56)<sup>44</sup>. (fig. 9) No entanto, segundo os dados da intervenção arqueológica tanto um, como outro nível encostavam à atual cabeceira da Ermida, remetendo assim a sua utilização para uma fase mais tardia, ficando por se saber como teria sido o pavimento original deste edifício que, a existir, se encontrará por baixo de contextos não escavados.

Resumindo, temos então um conjunto de estruturas e negativos que apontam para a existência de um edifício anterior à atual Ermida adossado à muralha, com uma cobertura de duas águas e uma parede testeira ostentando um revestimento cuidado. Tendo em conta a cota a que foi implantado este edifício (sobrepondo-se aos muros islâmicos e tapando os agulheiros existentes na taipa), as dimensões que apresenta, a orientação Nordeste/Sudeste (a mesma que os enterramentos), julgamos que poderá corresponder ao primeiro templo cristão erguido no local, após a conquista do Castelo, na segunda metade do século XIII e que foi, até 1506, igreja Matriz de Paderne.

<sup>43</sup> H. Catarino, figura 3-1, Relatório de 1998.

<sup>44</sup> H. Catarino *et al.*, Relatório de 2002-2003, p. 16.

### **Etapa II – Ermida com capela-mor coberta por telhado de madeira**

Importa em primeiro lugar referir que, para além de uma ação de limpeza<sup>45</sup>, o interior da atual Ermida nunca foi, de facto, objeto de uma campanha de sondagens arqueológicas, iniciativa que certamente muito auxiliaria no esclarecimento de alguns dos aspectos abordados neste texto.

A determinada altura a igreja existente no Castelo de Paderne separa-se da muralha, podendo esta alteração coincidir com a necessidade de dignificar a cabeceira ou, simplesmente, para permitir uma passagem mais direta para o outro lado do recinto. (fig. 12) Muito provavelmente será nesta fase que surge o singelo edifício que é descrito no relato da Visitação de 1554<sup>46</sup>, relato este incluído neste trabalho.

No decurso da análise efetuada à atual Ermida, foi possível constatar que a capela-mor ostentava características construtivas diferentes da nave e do anexo situado a Sudeste. Na realidade, o aparelho em alvenaria de pedra argamassada apresenta-se, na capela-mor, mais irregular e com um agulheiro localizado no alçado Sudeste interior (U.E. n.º 1005) diferente dos existentes na nave. As dimensões deste agulheiro são de 34cm de altura, por 23cm largura e com 53cm de profundidade, enquanto os agulheiros dos alçados interiores da nave apresentam dimensões de 42cm altura, por 17cm de largura, com 50cm de profundidade. (fig. 29)

Também se observou que, na junção da capela-mor com a nave, do lado Sudeste, existia uma continuidade para Sudeste da parede virada aos fiéis, mais concretamente uma superfície rebocada e caiada (U.E. n.º 1031), preparada para estar à vista, à qual veio a encostar, posteriormente, o atual corpo da Ermida (fig. 13). Este indício poderá indicar-nos também que, nesta zona, tanto de um lado como do outro, saindo da capela-mor poderiam ter estado os dois altares que são referenciados na Visitação de 1554 : “da banda do norte, hũ altar, saindo da capella (...). Da banda do sul, outro altar da mesma maneira (...)”, estes altares não podem corresponder aos que atualmente se encontram nas paredes da nave e que foram posteriormente entaipados dado que, como dissemos, este corpo foi acrescentado numa fase mais tardia. Relativamente ao canto oposto, do lado Noroeste, dada a existência de rebocos compactos não é possível observar se esta situação também se verifica.

No que diz respeito às paredes exteriores da capela-mor, observa-se a existência de um revestimento contemporâneo desta primeira fase (U.E. n.º 1027), executado com cal e areia e hoje de aparência bastante degradada. Já relativamente aos rebocos interiores, apenas podemos detetar duas fases de revestimento mas já de etapas posteriores, dado que surgem associados à cobertura em abóbada (U.E. 1003) na fase seguinte. (fig. 14)

<sup>45</sup> A limpeza e estudo preliminar da Ermida realizaram-se em 1998 e estiveram a cargo de H. Catarino.

<sup>46</sup> *Visitação de Igrejas Algarvias, 1554.*

ado de madeira  
ção de limpeza<sup>46</sup>,  
a campanha de  
auxiliaria no

ne separa-se da  
de dignificar a  
eta para o outro  
surge o singelo  
e incluído neste

I constatar que a  
ave e do anexo  
ira argamassada  
ro localizado no  
as na nave. As  
a e com 53cm de  
nave apresentam  
profundidade. (fig.

a nave, do lado  
a aos fiéis, mais  
, preparada para  
o da Ermida (fig.  
anto de um lado  
s altares que são  
saindo da capella  
ltares não podem  
nave e que foram  
foi acrescentado  
Noroeste, dada a  
situação também

ior, observa-se a  
e (U.E. n.º 1027),  
degradada. Já  
r duas fases de  
m associados à

No texto da Visitação, já descrito em capítulo anterior, são apontadas outras características importantes desta fase de utilização da Ermida como, por exemplo, existir um retábulo no altar principal com duas portas onde figuravam pinturas de N<sup>a</sup> Senhora da Visitação e do Nascimento, bem como a nave não possuir, nesta fase, qualquer tipo de pavimento mais cuidado, para além do que poderia ter sido um simples piso em argamassa de cal, como por vezes acontecia. De notar ainda que, estilisticamente, este tipo de altar com retábulo composto de pinturas emolduradas, poderá datar do século XV - XVI.

Para além da porta principal com 2,40m de altura, a Ermida teria, nesta fase, uma pequena porta do lado Sudeste (referido como sul), com cerca de 1,50m de altura. Já no exterior, a existência de um adro bem visível ainda no século XVI, estaria também associado a um cemitério, tal como é referenciado no texto da Visitação "Os que aqui se emterão para filho e neto pagão quinhentos reais e do corpo duzentos para Fábrica."

### **Etapa III - A capela-mor é abobadada e contrafortada. Constrói-se um novo corpo com uma só porta de entrada e dois altares de cada lado**

A partir de determinada altura, julgou-se necessário dignificar a Ermida cobrindo a sua capela-mor com uma abobada cruzada em alvenaria de pedra, cobertura esta referida depois no documento de 1718: "o corpo é fechado de madeira; mas a capela-mor é coberta de abobada"<sup>47</sup>.

Associado à alteração da cobertura em abobada, foi necessário acrescentar uns contrafortes pelo exterior (U.E. 1028) que serviram de reforço à estrutura da capela. (fig. 12 e 28)

Também desta fase será a construção do novo corpo da Ermida certamente maior que o anterior, a julgar pelas medidas referenciadas ainda em 1554, corpo este que corresponde ao que se manteve até aos nossos dias. A comprovação deste facto faz-se, como já foi referido, ao se ter verificado que a estrutura da nave encosta, na face virada aos fiéis, a uma superfície rebocada e caiada pertencente à antiga capela-mor, área esta que, no capítulo anterior, apontámos como sendo o local onde poderiam ter estado dois altares laterais.

Ao nível dos revestimentos que foram utilizados nas paredes interiores da capela-mor, verifica-se que existem bem nítidas duas camadas de reboco, uma mais antiga (U.E. n.º 1001) que assenta diretamente no aparelho de pedra (original) (U.E. 1000) ou seja, o revestimento que corresponde à cobertura em abobada (dado ser o mesmo), com cerca de 1.0cm/1.5cm de espessura, de cor bege-rosada, consistência compacta, com grãos de cal de pequenas dimensões e caiado à superfície, mas sem apresentar muitos níveis de caição. Este revestimento foi posteriormente picado (perfurações de pico com cerca de 5 a 6cm de comprimento),

<sup>47</sup> *Santuário Mariano*, p. 457.

para que sobre ele assentasse um novo reboco (U.E. nº 1002) já numa fase mais tardia. (fig. 14)

Contemporâneo deste revestimento mais antigo seria um primeiro altar-mor (U.E. 1054) com degrau cuja marca é visível no alçado Sudeste. (fig. 15 e 18) As suas dimensões são de 0.78m de largura por 2.50m de comprimento, não sendo possível saber qual a sua altura por se encontrar bastante destruído. Em alvenaria de pedra rebocada, este altar assentava numa plataforma também de pedra rebocada e caiada, formando um degrau a toda a largura da capela e com uma profundidade de 1.10m por uma altura de 20cm em relação ao pavimento.

Da descrição de 1718 retemos esta passagem relativa à capela-mor:

"(...) no Altar - mor está colocada a Sagrada Imagem da Senhora, no meio de um nicho formado no retábulo, que é obra antiga, dividido em corpo, com colunas, em que se vêm sinais de que foi dourado, que talvez a muita humidade do sítio o danificaria de sorte que, o ouro totalmente desapareceu. A Imagem da Senhora, é de escultura de madeira, estufada e com o Menino Deus sobre o braço esquerdo (...)"<sup>48</sup>.

Em termos estilísticos a descrição parece apontar para um altar já maneirista, que nada tem que ver com o altar descrito em 1554. A referência às más condições do dourado, indica que se tratava de um retábulo que teria sido construído antes de 1718. Assim, mesmo depois da Ermida ter deixado de ser Matriz em 1506, o edifício foi reformulado e tanto o altar, como as imagens foram modificadas, neste caso a antiga imagem em pedra de N<sup>a</sup> Senhora foi substituída por uma Virgem com Menino em madeira estufada.

Em relação à estrutura da capela-mor em si, para além da existência de duas fases de reboco e das alterações ao nível do altar, a sua configuração abobadada manteve-se até à última fase de uso.

Observou-se também, como já foi referido, que nesta fase se adotou à estrutura da capela-mor, um corpo ou nave que corresponde ao que hoje ainda existe. Trata-se de uma estrutura em alvenaria de pedra alinhada em fileiras, apresentando três níveis de agulheiros (U.E. 1010) apenas visíveis nos alçados interiores da nave. (fig. 27 e 29) Após a sua utilização como suporte de andaimes, os orifícios foram entaipados (U.E. 1011) no momento também em que se procedeu aos acabamentos finais das paredes. Deste primeiro revestimento de argamassa caiada (U.E. 1050), apenas sobraram escassos vestígios na parede interior Sudeste.

Construídos na mesma época e perfeitamente integrados nas paredes são visíveis, de cada um dos lados da nave, dois arcos alteados que corresponderiam a dois altares laterais semelhantes entre si em termos construtivos e com as dimensões médias de 2m de largura por 4m de altura. (fig. 27 e 29)

<sup>48</sup> *Santuário Mariano*, p. 457, transcrição livre da autora.

uma fase mais

imeiro altar-mor (fig. 15 e 18) As-  
nto, não sendo  
). Em alvenaria  
bém de pedra  
ela e com uma  
ento.  
ela-mor:

i, no meio de um  
com colunas, em  
idade do sítio o  
m da Senhora, é  
o braço esquerdo

a um altar já  
ferência às más  
que teria sido  
deixado de ser  
imagens foram  
foi substituída

a existência de  
a configuração

e se adotou à  
que hoje ainda  
da em fileiras,  
is nos alçados  
e de andaimes,  
ue se procedeu  
de argamassa  
terior Sudeste.  
as paredes são  
responderiam a  
os e com as

Ainda foi possível verificar ao analisar os paramentos e o tipo de construção, que o arco do cruzeiro é executado na mesma fase que o corpo da Ermida, o portal principal de entrada e o óculo da fachada em forma de quadrifólio, dado não se verificarem roturas no aparelho. (fig. 24 e 25)

Relativamente ao pavimento, foram detetadas, durante as ações de limpeza<sup>49</sup>, algumas tijoleiras dispersas mas outras ainda *in situ* (zona entre a nave e altar-mor) colocadas sobre uma argamassa de cal e areia. Apresentavam uma pasta vermelha e mediam aproximadamente 20,5cm de comprimento por 15cm de largura, com uma espessura de cerca de 3cm.

Também no exterior da nave detetaram-se diferentes rebocos sendo que o reboco mais antigo, o que corresponde a esta fase (UE 1020), foi aplicado em todo o edifício (incluindo os contrafortes), exceto na capela-mor onde, tal como no interior, se manteve o pré-existente. (fig. 20) Trata-se de um revestimento de cal e areia, assente sobre um emboço, com uma medida variável que pode ir até 1cm de espessura. Este reboco foi depois caiado apesar de, atualmente, a caiação ser apenas visível em alguns pontos.

Julga-se que, como é hábito, de modo a uniformizar o aspecto final deste novo edifício composto de duas construções diferentes, é provável que se tenha efetuado um acabamento final homogéneo, caindo-se as paredes, tanto da capela-mor como da nave.

Ainda relativamente aos contrafortes erguidos nesta fase e que hoje se encontram muito arruinados observa-se que, em termos construtivos, são idênticos entre si, ligando ambos a nave à capela-mor. Numa análise cuidadosa observa-se que estes maciços pelo exterior, na zona da capela-mor, encostaram ao reboco pré-existente de acabamento cuidado e executado para estar à vista (U.E. nº 1027 - Etapa II) mas que, por outro lado, encontram-se ligados ao novo corpo (imbricam) e apresentam o mesmo revestimento, apontando assim para a sua contemporaneidade, ou seja, foram executados quando se constrói este novo corpo que, de facto, encosta à capela-mor.

#### Etapa IV – Entaipamento dos altares, novo reboco e abertura de porta a Sudeste

Esta fase corresponde a uma reformulação muito profunda do edifício. Os elementos mais significativos que atestam essa mudança foi o entaipamento dos arcos dos altares laterais, reduzindo-se assim os locais de culto e devoção apenas à capela-mor e a um pequeno altar a Noroeste. Julga-se que datará desta época também a abertura da porta localizada a Sudeste dado que a técnica aplicada no vão, um fingido de pedra em relevo efetuado em argamassa de areia e cal que depois era caiada (U.E. nº 1013), é idêntico ao vão do pequeno altar (U.E. 1040)

<sup>49</sup> H. Catarino, Relatório de 1998.

(fig. 16 e 17). De notar que, atualmente, a maior parte destes fingidos caíram ficando apenas o seu negativo.

Para além do entaipamento dos arcos dos altares, houve uma reformulação do próprio altar-mor, tal como se atesta pela análise dos vestígios que se mantiveram no local. Trata-se da construção de uma plataforma de 13cm de altura que se estende por toda a largura da capela encostando ao revestimento mais antigo e prolongando a plataforma do altar anterior. Esta plataforma foi construída em pedra argamassada e rebocada na face virada aos fiéis tendo sido coberta, na parte superior, por um piso em tijoleira. (fig. 15)

Ainda dentro das alterações detetadas no edifício, também se verificou que os rebocos interiores foram todos substituídos, tendo sido colocado um novo revestimento (U.E. nº 1002) que, desta vez, incluiu também a capela-mor (fig. 14). Na zona da capela-mor verifica-se, como foi dito anteriormente, que o reboco mais antigo foi inteiramente picado, incluindo a superfície da abobada de forma a receber este novo revestimento, que se manteve até à última fase de utilização do edifício como estrutura religiosa. Trata-se de um reboco bastante espesso, de cor semelhante ao antigo mas com grãos de cal de maiores dimensões. Na parede Sudeste da capela-mor este revestimento apresenta uma espessura de 3cm a 5,50cm, enquanto na parede Noroeste é de 1,50cm a 5,50cm. Julga-se que este espessamento das paredes que se prolonga também pela nave, serviu para colmatar possíveis deformações da estrutura original que deverá ter sido sujeita a alterações estruturais de alguma relevância (terremoto de 1755) servindo assim para aquilo que habitualmente se designa como desempenho de paredes. Na composição deste reboco foram também utilizadas telhas partidas de forma a facilitar o espessamento.

Junto ao pavimento, na superfície de reboco, foi pintado um rodapé de cor vermelha escura com 40cm de altura. (fig. 19)

No exterior do edifício, pela análise que fizemos à composição das argamassas, foi também aplicado um novo revestimento mas não de forma integral como sucedido no interior. De facto, é possível observar nitidamente, no corpo da Ermida, a existência de dois revestimentos sendo que o que corresponde a esta fase (U.E. 1021) terá colmatado apenas as zonas onde o reboco mais antigo se encontrava em mau estado, sobretudo na face mais exposta a Sudeste. A este reboco corresponde também um friso em estuque boleado que se encontrava tanto no interior como no exterior do edifício, logo abaixo do nível do telhado e que é hoje bem visível no topo da fachada exterior, do lado mais a Sudeste e no interior, por cima de cada um dos altares. (fig. 27 e 29)

Relativamente ao exterior da capela-mor, não é visível a existência deste revestimento. No entanto, dado que nesta zona, quer do lado Sudeste como Noroeste o que se encontra à vista é um reboco picado mais antigo (U.E. 1027) é porque certamente sobre ele assentaria um outro revestimento, provavelmente o

caíram ficando

a reformulação  
restígio que se  
13cm de altura  
restimento mais  
foi construída  
ido coberta, na

ve verificou que  
ado um novo  
a-mor (fig. 14).  
o reboco mais  
orma a receber  
ção do edifício  
esso, de cor  
es. Na parede  
ura de 3cm a  
ja-se que este  
e, serviu para  
r sido sujeita a  
ndo assim para  
Na composição  
a a facilitar o

rodapé de cor

composição das  
e forma integral  
e, no corpo da  
sponde a esta  
mais antigo se  
udeste. A este  
contrava tanto  
lo e que é hoje  
no interior, por

existência deste  
Sudeste como  
(U.E. 1027) é  
ovavelmente o

mesmo que no restante edifício, que entretanto terá se descolado e caído não deixando vestígios.

#### Etapa V - Construção de dois contrafortes triangulares

Pela análise estratigráfica do edifício, concluiu-se que a construção dos dois contrafortes triangulares (U.E. 1039), localizados a Sudeste, só poderiam corresponder a uma fase posterior à que acabámos de relatar, pois não só vão encostar ao último reboco aplicado no exterior (fig. 21) como, um deles, tapa também parte da ombreira da porta virada a Sudeste.

Não foi possível associar esta atividade de colocação de contrafortes a outra qualquer realidade construtiva visível na Ermida, colocando-se assim a hipótese de se tratar de uma atividade isolada, efetuada pouco depois da Etapa anterior, provavelmente uma precaução extra relativamente a uma estrutura já de si debilitada.

#### Etapa VI - Última fase de utilização - construção de um anexo

Datará da última fase de utilização da Ermida, a construção de um anexo hoje muito arruinado, que encosta à face exterior da parede Sudeste da nave. Trata-se de uma edificação sem fundações<sup>50</sup>, construída em alvenaria de pedra de dimensões variadas, ligada por argamassa de cal e areia. Possui internamente cerca de quatro metros de largura por quatro metros de comprimento, formando um quadrado que terá sido coberto por um telhado de uma água, tal como indicam os negativos existentes no reboco da parede. Apresentava dois vãos que deveriam corresponder a uma porta a Sudeste com 80cm de largura e a uma janela a Sudoeste com 85cm de vão. O pavimento era, segundo o relatório de H. Catarino<sup>51</sup>, ladrilhado a tijoleira. Este pavimento não foi por nós registado já que, durante a fase de trabalho de campo, a quantidade de terra e ervas impediam a sua visibilidade.

Sobre as funções deste anexo, que geralmente é associado a uma sacristia, não foram até ao momento encontradas quaisquer informações seguras. No entanto, podemos observar que, a ser uma sacristia, este espaço deveria ter uma ligação direta à capela-mor o que, na realidade, não acontece. Assim, colocamos como hipótese tratar-se de um compartimento de apoio às atividades relacionadas com as romarias que não deixaram de efetuar-se numa fase em que a Ermida se encontrava já em declínio ou, até mesmo, ter servido de casa ao Ermitão já numa fase muito avançada<sup>52</sup>.

<sup>50</sup> H. Catarino, 1998, p. 5.

<sup>51</sup> Idem.

<sup>52</sup> Por diversas vezes nos trabalhos de H. Catarino e I. Inácio se refere a existência de um edifício a Sudeste da Ermida que poderia estar associado à habitação de um Ermitão. De facto, no *Sumário do Registo da Chacellaria da Ordem de Aviz* (in Athaide p. 95), da primeira metade do século XVII, surge a referência à necessidade de se

A deteção de grande quantidade de elementos de construção durante as ações de limpeza levadas a cabo pela equipa de arqueologia no interior do templo, levou a que se possa afirmar que, na sua derradeira fase de uso, o telhado da Ermida era coberto por telha de canudo de cor amarelada, e o pavimento de tijoleira<sup>53</sup>, pavimento este que poderia estar em uso já há vários séculos dada a durabilidade deste material.

#### **Etapa VII – Ruína (após 1858)**

Em 1858, segundo o “Livro de Actas da Junta de Freguesia de Paderne”<sup>54</sup>, foi autorizada a retirada de telhas e madeiras do telhado da Ermida do Castelo para que as mesmas fossem utilizadas na reconstrução da Ermida de N<sup>a</sup> Senhora de Pé da Cruz. Neste relato, é possível verificar como este templo já estaria em más condições:

“(…) era imoral deixar a madeira e a telha na Ermida porque ta de dia para dia pondo-se mais arruinada e que não tratava de concertar, não só por falta de meios, senão também porque concertada tornaria a arruinar-se por não haver quem quisesse ir de Ermitão para ali por ser em um sítio deserto e sujeito às avarias e tropelias dos rapazes”.

Assim, depois da retirada do telhado é fácil imaginar que a ruína do edifício se tivesse acentuado de forma drástica, ruína esta que se manteve até aos dias de hoje, apesar de algumas iniciativas, sempre débeis, para inverter a situação.

#### **Etapa VIII – Restauros da DGEMN (anos 80 do século XX)**

Em 1986 a DGEMN iniciou o restauro das muralhas do Castelo, nomeadamente da torre e do arco de entrada, por se encontrarem bastante arruinados. Sobre o tipo de trabalhos realizados existem referências documentais que falam da colmatação de rombos e consolidações nos panos de muralha<sup>55</sup>, presumindo-se que os consertos de pedra argamassada (U.E. 1016) detetados na Ermida, sobretudo na fachada Noroeste e portal principal, datem também dessa época. (fig. 23 e 26)

Tal como se pode ver nas imagens que constam do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico (SIPA) do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana (IHRU, antiga DGEMN), a Ermida apresentava, em 1985, data em que foram feitos estes registos, diversos rombos. Se analisarmos a localização destas aberturas, podemos depreender que, muito provavelmente, resultaram da retirada

---

garantir a permanência neste local de um Ermitão, destinado a velar pela manutenção de um templo que se considerava já demasiado isolado.

<sup>53</sup> H. Catarino, 1998.

<sup>54</sup> Athaide Oliveira, p. 226.

<sup>55</sup> Ficha e documentação de SIPA: [http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2602](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2602).

ão durante as  
rior do templo,  
o telhado da  
pavimento de  
séculos dada a

ia (após 1858)  
de Paderne<sup>54</sup>,  
o Castelo para  
Senhora de Pé  
staria em más

de dia para dia  
r falta de meios,  
ão haver quem  
ito às avarias e

ína do edifício  
té aos dias de  
uação.

do século XX)  
do Castelo,  
arem bastante  
s documentais  
de muralha<sup>55</sup>,  
) detetados na  
também dessa

de Informação  
da Reabilitação  
a em que foram  
lização destas  
am da retirada

um templo que se

de cantarias que pudessem servir noutra local, nomeadamente as do portal principal.

A colmatação destes rombos foi feita utilizando pedras de média dimensão e argamassas pobres de cor acinzentada denotando a presença de cimento, tendo estes remendos sido aplicados de forma bastante descuidada, servindo apenas para tapar rapidamente as zonas abertas e mais degradadas. (fig. 23) É provável que seja desta época também a utilização do templo como local de armazenamento dos materiais utilizados nas obras de consolidação da muralha e daí a necessidade de colmatar as passagens existentes.

#### **Etapa IX - Ações de restauro promovidas pelo IPPAR/Direção Regional do Algarve**

No ano de 2009 a Direção Regional de Cultura do Algarve (DRCA), procedeu a uma série de consolidações das paredes exteriores e interiores da Ermida, reconstituindo-se parcialmente o arco do cruzeiro e o altar lateral, tal como se pode verificar nas fotografias. (fig. 22) Tratou-se, sobretudo, de evitar derrocadas e a deterioração dos topos das paredes por ação das chuvas, aproveitando-se ainda para nivelar os pavimentos com recurso a gravilha miúda. Desta forma, assumiu-se a ruína existente como fazendo parte do conjunto patrimonial do Castelo de Paderne onde subsistem vestígios de diferentes épocas.

A análise arqueológica da Ermida efetuou-se, como vimos, em 2007 ou seja, antes desta intervenção de consolidação o que muito facilitou os trabalhos pois, de outro modo, não teria sido possível aceder a certos pormenores estratigráficos hoje colmatados com rebocos e argamassas recentes.

#### **Síntese conclusiva**

Conjugando a análise arqueológica do conjunto edificado por nós elaborada com a informação histórica e os dados das intervenções arqueológicas realizadas no Castelo foi possível elaborar este pequeno trabalho. Num primeiro momento cingimo-nos a observar as relações estratigráficas existentes ao nível dos paramentos e a tentar, com eles, estabelecer uma sequência temporal. Posteriormente e já com os dados da documentação histórica recolhidos, procurou-se associar a cada uma das fases construtivas, um momento cronológico mais ou menos preciso, sobretudo tendo em conta as duas descrições mais completas sobre este monumento - 1554 e 1718.

Trata-se, assim, de uma interpretação daquilo que terá sido a verdadeira história desta Ermida pois que, neste caso, como em tantos outros, há sempre lacunas que não conseguimos preencher, sobretudo também porque até ao momento nunca foram realizadas escavações arqueológicas com o objetivo de estudar este templo.

Resumindo, é possível que o primeiro templo cristão do Castelo de Paderne de construção almóada, tenha sido construído, após a reconquista, perto da porta de entrada, tanto mais que se encontra num local privilegiado, um ângulo da muralha bem protegido, formando quase que um espaço próprio e independente. Segundo cremos, será a própria muralha que, nesta fase, servirá de apoio à igreja que aí se ergueu possivelmente ainda no século XIII.

Pouco depois, provavelmente após a doação à Ordem de Avis, em 1305, a Ermida poderá ter sido alvo de algumas alterações, nomeadamente a sua separação em relação à muralha procurando-se, desta forma, conferir uma maior dignidade à cabeceira, cabeceira esta que, pela análise que fizemos, parece ainda corresponder à estrutura arruinada que chegou até nós.

Mais tarde, já no século XVII, numa época em que a grande maioria dos templos em Portugal sofrem uma profunda alteração, é provável que a capela-mor da Ermida de Paderne tenha sido reformulada, acrescentando-se uma abóbada em alvenaria e colocando-se um altar de estilo maneirista com colunas e nicho central, para além de ainda sido adossado um corpo totalmente novo com dois altares laterais.

Apesar de não existirem notícias precisas sobre os efeitos do grande sismo de 1755 na Ermida, e visto que, pelo contrário, se sabe que o Castelo e a região foram fortemente atingidos, é muito provável que date desta época também uma reformulação mais profunda do templo que incluiu o entaipamento dos arcos dos altares, rebocagem niveladora das paredes e abertura de uma porta a Sudeste seguindo-se, pouco depois, a colocação de mais dois contrafortes.

Numa fase muito tardia, provavelmente já no século XIX, é associado à Ermida um anexo quadrangular, cuja exata função não sabemos determinar mas que, habitualmente, é interpretado como uma antiga sacristia. Trata-se da última vez que ao edifício lhe é conferida alguma relevância pois, a partir de então, e até aos nossos dias, o abandono não tem deixado de se fazer sentir.

O local onde se implanta o Castelo de Paderne e a sua Ermida é, em terras algarvias, um dos poucos espaços onde é ainda possível sentir o encantamento de um território cheio de marcas do passado, associado a uma paisagem não totalmente desbravada e domesticada, como infelizmente é comum no nosso território, um belo espaço povoado de cheiros e sons campestres a percorrer a pé, de ouvidos, nariz e olhos bem abertos.

## Bibliografia

## Fontes

Arquivo de Arqueologia Portuguesa - Direção Geral do Património Cultural, Processo S-3284.

## Estudos

CATARINO, Helena - *Castelo de Pademe, Relatório da Campanha de 1998*. DGPC, Processo S-3284.

CATARINO, Helena; INÁCIO, Isabel - A ocupação tardo-medieval e moderna no Castelo de Pademe. In *Xelb*, nº 8, p. 308-332. Silves: Câmara Municipal de Silves, 2008.

CATARINO, Helena; INÁCIO, Isabel - Ensaio de reconstituição de casas islâmicas do Castelo de Pademe. In *Xelb*, nº 9, p. 614-622. Silves: Câmara Municipal de Silves, 2009.

CATARINO, Helena; INÁCIO, Isabel e PEREIRA, Vera - *Castelo de Pademe, Relatório das Escavações de 2005*. DGPC, Processo S-3284.

CATARINO, Helena; INÁCIO, Isabel e TEIXEIRA, Ricardo - *Castelo de Pademe, Relatório das Escavações de 2003/2004*. DGPC, Processo S-3284.

CATARINO, Helena; INÁCIO, Isabel; TEIXEIRA, Ricardo e DUQUE, Luís - *Castelo de Pademe, Relatório das Escavações de 2002/2003*. DGPC, Processo S-3284.

CATARINO, Helena; TAVARES, António - Relatório dos Trabalhos no Castelo de Pademe em Setembro de 1987. DGPC, Processo S-3284.

COSTA, Padre Avelino de Jesus da - *A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média*, Lusitana Sacra. Lisboa. [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4967/1/LS\\_S1\\_02\\_AvelinoJCosta.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4967/1/LS_S1_02_AvelinoJCosta.pdf)

OLIVEIRA, Francisco d'Athaide - *Monografia de Paderna ou Pademe do Concelho de Albufeira*. Porto: Livraria Portuense, 1910.

SANTA MARIA, Frei Agostinho de - *Santuário Mariano, e historia das imagens milagrosas de N. Senhora, e das milagrosamente apparecidas, que se venerão em o Arcebispado de Evora, & nos Bispados do Algarve, & Evas seus suffraganeos ...*, Volume VI, Livro II, Título XXIX - *Da milagrosa imagem de Nossa Senhora dos Castelo, do termo da vila de Albufeira*, 1718.

SOUSA, Francisco Luís Pereira - *O terremoto do 1º de Novembro de 1755 em Portugal: um estudo demográfico*. Vol. II (Distrito de Lisboa), Lisboa: Tipografia do Comercio, 1926.

TAVARES, António das Neves de Freitas Tavares - *Estudo da Estrutura do Castelo de Pademe*, 1987. DGPC, Processo S-3284.

*Visitação de Igrejas Algarvias, Ordem de São Tiago*, 1554. Faro: Edição ADEIPA, 1988.

## Endereços Eletrónicos

[http://www.monumentos.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2602](http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2602).

<http://www.culturalg.pt/pademe/index.html?subpagina=pademe3.html>

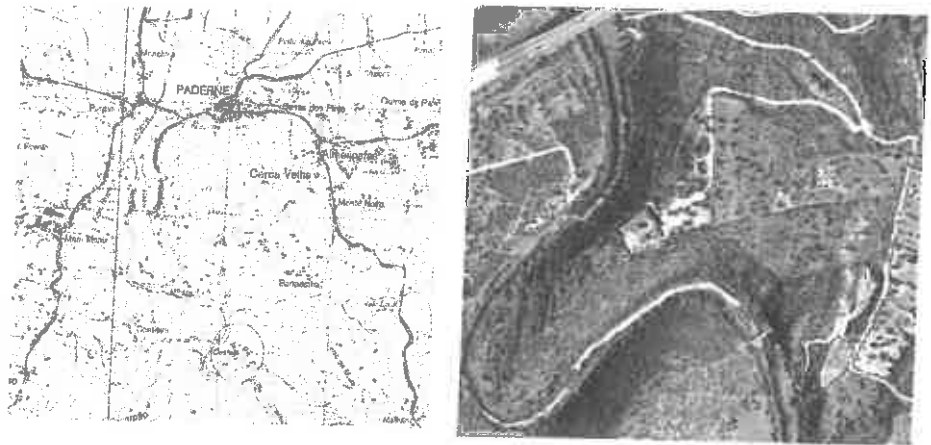


Figura 1 – Localização do Castelo de Pademe na carta 1/25000

Figura 2 - Vista aérea da zona, observando-se o Castelo, a Ermida, o vale da ribeira de Quarteira e a proximidade da A 22 (Google, 2014)



Figura 3 – Enquadramento paisagístico e ambiental do Castelo. Vale e ponte sobre a ribeira de Quarteira (M. Ramalho, 2007)



a de Quarteira e a



Figura 4 – Planta geral do Castelo e Ermida à escala 1:200 (SIPA)



Figura 5 – Vista do morro do Castelo, lado Noroeste (M. Ramalho, 2007)

Figura 6 – Pormenores construtivos das muralhas (M. Ramalho, 2014)

re a ribeira de



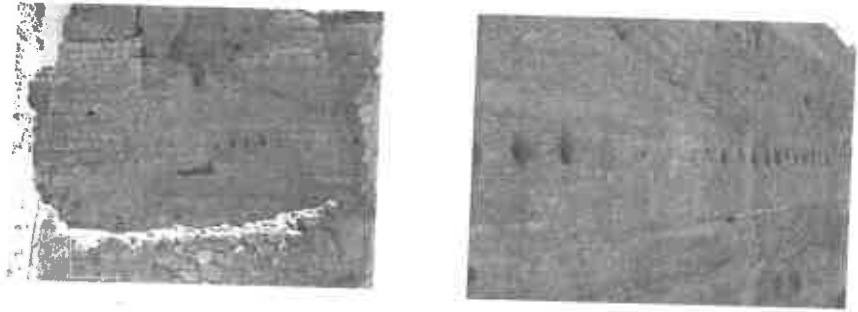


Figura 10 - Em primeiro plano a parede da cabeceira da capela-mor. Por trás a muralha com a marca de um telhado de duas águas: negativos do encaixe do telhado e apoio de viga da cumeeira (M. Ramalho, 2014)

Figura 11 - Nível de agulheiros de uma provável cobertura anterior ao edifício que encostava à muralha, observando-se que alguns ainda se encontram entaipados (M. Ramalho, 2014)



Figura 12 - Exterior da cabeceira da Ermida, vista do lado Noroeste, observando-se a diferença de aparelho relativamente à nave o contraforte e a muralha à esquerda. (M. Ramalho, 2007)

Figura 13 - Pormenor no canto Sudeste onde se observa como a nave encosta à parede rebocada e caiada da capela-mor que se prolonga (M. Ramalho, 2007)

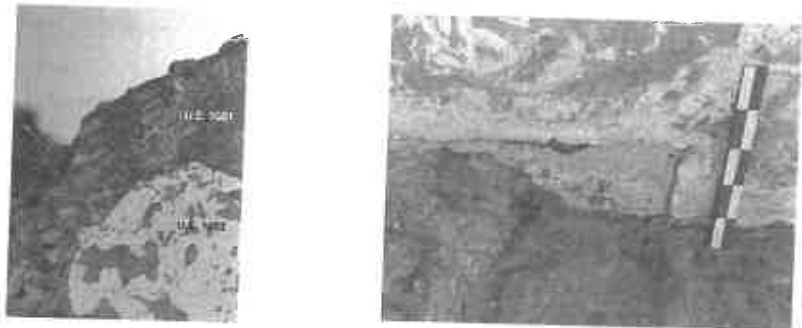


Figura 14 - Restos da abóbada e sobreposição de dois rebocos na zona da cabeceira (M. Ramalho, 2007)

Figura 15 - Localização do degrau da plataforma do altar original à esquerda e negativo na parede do acréscimo posterior (M. Ramalho, 2007)



Figura 16 - Porta de acesso ao anexo em 2007. Observa-se o negativo da moldura em fingido de pedra (M. Ramalho)



Figura 17 - Pequeno altar com moldura em fingido de pedra no alçado Noroeste da nave (M. Ramalho, 2007)



Figura 18 - Pormenores do altar em 2007. A plataforma recuada corresponde à configuração mais antiga e o acrescento à mais recente (M. Ramalho)

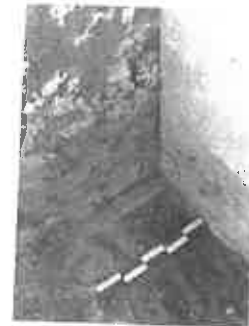


Figura 19 - Rodapé caído com pigmento vermelho de óxido de ferro no interior da Ermida (M. Ramalho, 2007)

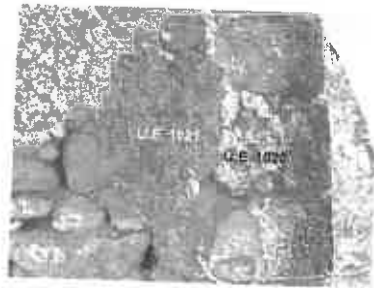


Figura 20 - Registo da existência de dois rebocos no exterior da Ermida (M. Ramalho, 2007)



Figura 21 - Contraforte triangular da nave na face Sudeste (M. Ramalho, 2007)



a em fingido de  
ite da nave



Figura 22 - Interior da Ermida em 2014 (M. Ramalho)



Figura 23 - Interface de destruição (ruína) do portal de entrada posteriormente refeito pela DGEMN (M. Ramalho, 2007)



nfiguração mais  
r da Ermida



Figura 24 - Registo das unidades estratigráficas no paramento exterior da fachada.  
Figura 25 - Registo das unidades estratigráficas no paramento interior da fachada.



Figura 26 - Registro das unidades estratigráficas no paramento exterior do alçado Noroeste

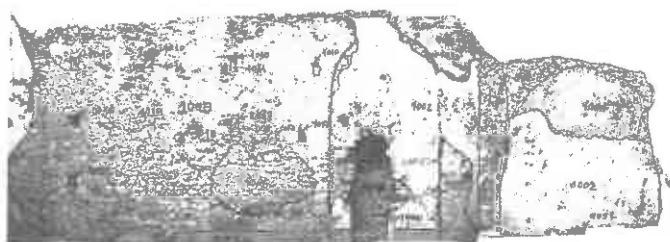


Figura 27 - Registro das unidades estratigráficas no paramento interior do alçado Noroeste

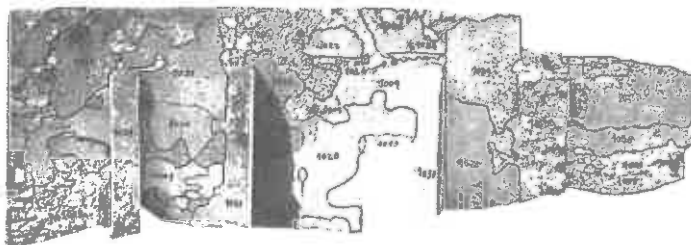


Figura 28 - Registro das unidades estratigráficas no paramento exterior do alçado Sudeste

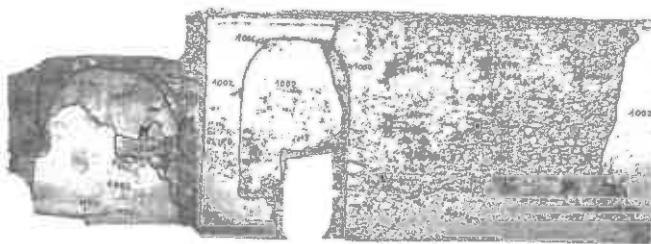


Figura 29 - Registro das unidades estratigráficas no paramento interior do alçado Sudeste